



DOSSIÊ: HERÁCLITO EM
PERFORMANCE
DIÁRIO DA MISANTROPIA

Iano Fazio
Músico, compositor
E-mail: ianofazio@gmail.com

RESUMO

Este artigo pretende analisar a produção de um Vídeo-Arte explicando todas as etapas do processo, desde a pré-produção, dificuldades técnicas e análise dos resultados finais. O material apresentado teve como estímulo inicial o pensamento filosófico de Heráclito e o objetivo era a criação uma obra que pudesse ser enquadrada em mais de uma linguagem artística. A obra **Diário da Misanthropia** surge dessa provocação e utiliza referências que vão além dos fragmentos de Heráclito e dialoga com linguagens artísticas do cinema, fotografia, teatro e da música.

Palavras-chave: Vídeo-Arte, Cinema, Música, Fotografia, Teatro, Heráclito, Tarkovsky, Munch, Nietzsche, Misanthropia, Redes Sociais.

ABSTRACT

*This paper intends to analyze the production of a Video-Art explaining all the stages of the process, from the pre-production, technical difficulties and analysis of the final results. The presented material had as initial stimulus the philosophical thought of Heráclito and the objective was the creation a work that could be framed in more of an artistic language. The Video-Art **Diary of Misanthropy** comes from this provocation and uses references that go beyond the fragments of Heraclitus and dialogues with artistic languages of cinema, photography, theater and music.*

Keywords: Video-Art, Cinema, Music, Photograohy, Theater, Heracles, Tarkovsky, Munch, Nietzsche, Misanthropy, Social Midia.

ESCLARECIMENTO INICIAL DA PROPOSTA

O projeto **Diário da Misanthropia** consiste em uma série de três vídeos que retratam a relação entre um personagem fictício e a cidade em que ele vive. Cada vídeo é um capítulo e pode ser interpretado como um fragmento dessa relação Cidade X Personagem¹. A divisão em capítulos faz uma referência aos fragmentos de Heráclito e a história contada no Vídeo-Arte dialoga com a vida pessoal do autor, muitas vezes definido como uma espécie de andarilho observador de Éfeso. Cada capítulo possui uma coloração e uma atmosfera musical diferente.



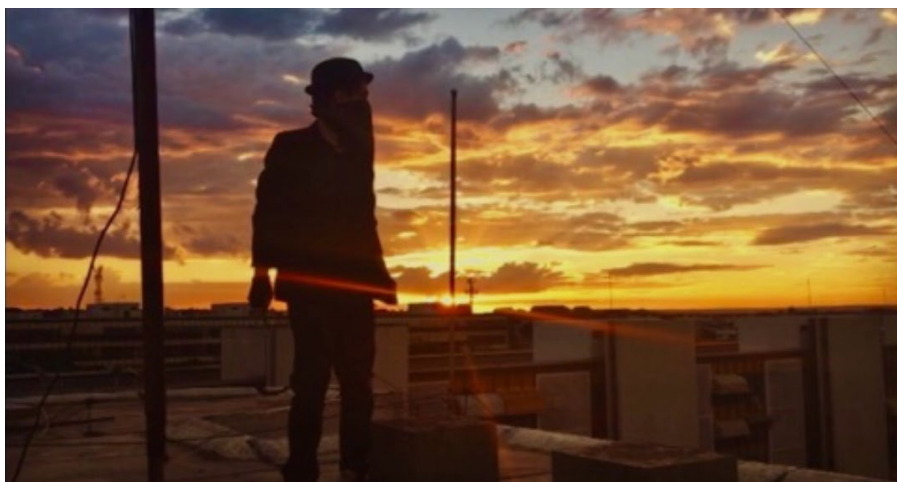
Figura 1 Trecho do Vídeo-Arte Diário da Misanthropia



No capítulo 1, “A Cidade”, a paleta de cores é mais fosca, com tons de cinza se mesclando a tonalidades sóbrias do pôr do Sol. A música dessa primeira

Figura 2 Trechos do Vídeo-Arte Diário da Misanthropia

parte é um tema que utiliza tanto harmônicos como acordes no Baixo elétrico. No capítulo 2, “As Pessoas”. a palheta de cores é bem ampla com muita claridade e cores quentes que contrastam com a roupa totalmente preta do personagem. A música nessa segunda parte é um encadeamento melódico de um Baixo sendo tocado com um arco de violino. Notas longas e muitas tensões são exploradas para retratar o estado de aflição em que o personagem se encontra em meio à multidão. No capítulo 3, “O Despertar”, a palheta de cores é clara e com tonalidades vivas do nascer do Sol. A trilha sonora desta última parte é feita com uma sobreposição de vozes, como um tipo de mantra vocal. A música e as cores do último capítulo passam uma idéia de reflexão e redenção do personagem.



1 NE. Vídeos disponíveis no link: <https://youtu.be/jA8o6iSg-Yc>

Figura 3 Trecho do Vídeo-Arte *Diário da Misanthropia*

METODOLOGIA DO DIÁRIO DA MISANTROPIA

Fazer um vídeo como o resultado de um laboratório de criação e pesquisa foi uma escolha arriscada tendo em vista que o cinema é uma arte que exige muitos recursos e que geralmente envolve uma equipe de trabalho grande. Gerar um filme, longa ou curta metragem, costuma ser um processo muito demorado e fazer isso com equipe reduzida te obriga a se adaptar à realidade que se possui. Essa foi a constatação que me fez optar por fazer filmagens utilizando apenas os recursos do meu telefone celular, um Iphone 6s. Dessa forma pude ter mais agilidade na captação, no tratamento e na edição das imagens. Eu não consegui gerar arquivos de alta definição e nem utilizar recursos avançados para editar o material produzido, porém tive uma facilidade para elaborar e alterar o conteúdo conforme as minhas necessidades.

A minha idéia inicial era utilizar uma câmera GoPro 4Hero para captar as imagens, porém nos testes que fiz percebi que a câmera GoPro não captava a variação de cores no céu, algo essencial para a fotografia do meu projeto. A câmera do celular se mostrou mais adaptável às variações de luz e cor. O Iphone 6s também me oferece recursos estéticos interessantes que comecei a utilizar nos meus estudos, como a Câmera Lenta e o Time Lapse. Dessa forma consigo construir mais tensões e harmonias apenas com imagens.

Além dessa limitação técnica descrita, eu me deparei com a minha própria imagem filmando e editando os filmes no meu celular. Uma ação solitária que metaforicamente simboliza o “homem moderno” aprisionado em um

mundo virtual coletivo e vivendo o mundo físico na solidão. No caso do personagem, uma solidão provocada pela misantropia.

CAPTAÇÃO DE SOM E FILMAGENS

Recursos utilizados:

◉ **Câmera do Celular:** captação de imagens e de som ambiente

◉ **Aplicativo e Rede Social “Instagram”:**

A rede social oferece um banco de

filtros fotográficos para o usuário obter uma coloração diferenciada tanto para vídeos como para fotos. Utilizei esse recurso oferecido pela rede social para tratar as imagens e a partir disso consegui uma mesma estética visual para os vários vídeos gravados.

◉ **Aplicativo “Splice”:** Este aplicativo permite que eu edite os vídeos que faço no celular e me oferece recursos simples como transições entre imagens. O aplicativo também possui um banco de dados de sons ambientes para fazer o Sound Design do material. O ponto fraco desta ferramenta é que eu não consegui inserir uma trilha sonora gravada em outra plataforma e, por isso, tive que adaptar as minhas gravações. A solução foi fazer uma sobreposição de áudios salvando um mesmo vídeo mais de uma vez e com isso pude ter algumas camadas de som.

Em relação à estética do filme, a decisão de utilizar as redes sociais como ferramenta simplificou a minha execução e sugeriu uma linguagem cinematográfica rústica e interativa para o meu projeto. O visual dos vídeos pode ser definido como “Fotos do Instagram em Movimento”. Essa rede social tem como conteúdo comum fotos e vídeos de paisagens, imagens contemplativas, selfies e, de forma espontânea, acabei me aproximando desse tipo de comunicação virtual.

Para o filme, mantive a repetição de alguns padrões na captação de imagens. Muitos me agradaram desde os estudos iniciais. Filmei paisagens com câmera quase parada. Fiz closes em objetos para descaracterizar o próprio objeto. Fiz também panorâmicas com a câmera em movimento, além de utilizar o recurso de “Câmera Lenta” para dramatizar uma ação

ou, para captar lentamente a alteração de foco e luz em uma imagem estática.



Figura 4 Trecho do Vídeo-Arte Diário da Misanthropia



Figura 5 Heráclito. Fonte: Wikipédia.

HERÁCLITO COMO INSPIRAÇÃO

O ponto de partida do projeto **Diário da Misanthropia** é o pensamento de Heráclito. O autor foi escolhido como tema principal do semestre nos primeiros debates do Laboratório de Criação em Artes Cênicas. Ao escolhermos Heráclito como impulso criativo, o grupo que fez parte da disciplina teve que lidar com diversas peculiaridades a respeito do autor. Existem dificuldades em se obter registros e a própria forma em que as idéias do autor são apresentadas muitas vezes são confusas e difíceis de serem comprovadas. O pensamento de Heráclito é intrigante e questionador. Sem dúvidas foi um ótimo estímulo para pesquisar e criar.

A tradição filosófica consagrou o pensador de Éfeso como obscuro, porém o que se conhece sobre Heráclito é apenas através de citações de outros autores e que, por tanto, possuem um contexto e uma ideologia por trás de cada registro. Há também limitações para se conseguir dados concretos por se tratar de uma época em que as pessoas eram mais informadas pela mitologia que pela averiguação dos fatos. Estudar Heráclito é lidar constantemente com biografias informais sobre o autor. Em termos gerais ele é definido como misantropo, excêntrico, eremita, recluso e austero.

Uma suposição aceita no mundo acadêmico é a de que ele escreveu um livro contínuo em seções sobre: o Universo, a Política e a Teologia. Outra linha teórica interpreta Heráclito como um poeta e que seu livro teria sido escrito em forma de versos. O que possui indícios mais concretos hoje em dia são os fragmentos filosóficos atribuídos ao autor, que são trechos isolados desse suposto livro que ele escreveu.

Algumas referências de outros autores permitem que possamos deduzir aproximadamente o local e a época em que Heráclito viveu. Isso nos oferece informações importantes para lidar com a própria ideologia do autor. Heráclito teria vivido em um período de muitos conflitos entre Oriente e Ocidente, onde várias cidades-estado gregas se filiaram ao Império Persa. Uma época de transformações profundas na sociedade.

O pensamento de Heráclito propriamente dito é, antes de tudo, vigoroso, orgânico e conciso. Cada palavra tem um peso e propriedades importantes para a construção de significados. Muitos de seus provérbios destacam a importância da qualidade de como se deve ouvir. Essa lógica de pensamento coloca a audição como o princípio da sabedoria, pois, segundo Heráclito, a escuta determina a fala. A suposta escrita de Heráclito é construída um formato oracular, ou seja, não revela tudo e ainda deixa questões no ar a serem refletidas e resolvidas por quem lê o seu texto. Muitas vezes a escrita de suas palavras dialoga com formas poéticas e com algumas figuras geométricas

como círculos e espirais. É como se o autor exigisse do leitor uma leitura alegórica e uma demonstração de conhecimento ao lidar com suas palavras.

Além da força filosófica que cada fragmento escrito possui individualmente, existe uma ressonância entre os trechos. Um único tema, ou imagem verbal, ecoa de um texto para outro de modo que o significado de cada um dos fragmentos é enriquecido quando consideramos o conjunto. Alguns recursos como as repetições de palavras chave para apresentar suas teorias dão fortes indícios dessa idéia



de ressonância. Numa era em que predominava a tradição oral, Heráclito pode ter sido um dos poucos que espalhou suas teorias e seu conhecimento quase que exclusivamente pela escrita, o que torna o autor ainda mais intrigante e inspirador.

Figura 6 Trecho do Vídeo-Arte **Diário da Misanthropia**

CONCEPÇÃO DO PERSONAGEM

O personagem que conduz a história de **Diário da Misanthropia** não possui nome e é inspirado no pensamento e na própria figura de Heráclito. O pensador supostamente tinha hábitos de andar pela cidade e de ser um observador misterioso pelas ruas onde passava. Algumas citações dizem que ele costumava frequentar locais isolados para sua reflexão e para escrever sua obra. Minha proposta, enquanto ator foi a de viver situações que Heráclito possa ter vivido em Éfeso, tanto em locais isolados como em locais públicos onde pessoas circulam. Na performance para os vídeos eu me isolei para escrever pensamentos, circulei por uma feira observando o comportamento das pessoas e, me desfiz de minhas anotações, como um gesto de desapego e de apreço pelo caos.

Para a caracterização do meu personagem optei por não mostrar o meu rosto e utilizei um figurino escuro para gerar um contraste com a coloração das paisagens das locações onde seriam gravadas as imagens. Utilizei as seguintes peças de roupa: um paletó, um chapéu, luvas, calça preta, um tênis e um lenço tampando nariz e boca. Referências que misturam no mesmo personagem as figuras de Mafioso, Black Block, Bandido e, porque não, a de um Padre também.

Minha idéia foi dar um ar soturno para o protagonista da história sem revelar exatamente o que ele está pensando ou sentindo. A música, as imagens e os movimentos da câmera são os responsáveis para sugerir os estados de

espírito da figura humana em foco. Ao aprofundar minhas pesquisas para conceber o protagonista eu percebi uma semelhança muito interessante entre o meu personagem e o personagem “Zaratustra” de Nietzsche. Ambos se isolam da sociedade e parecem questionar a todo o momento a própria existência da sociedade. Além disso, alguns trechos do livro **Assim falou Zaratustra** me remeteram diretamente ao pensamento e à personalidade de Heráclito.

Algumas escolhas de cenas e locações que utilizei para a minha criação são muito semelhantes com as situações e locais que o personagem de Nietzsche vive em sua trajetória. Lugares altos e isolados, feiras movimentadas para observar os hábitos das pessoas entre outros exemplos de lugares que coincidem. Zaratustra é também um misantropo de certa forma. Talvez sua imagem seja mais



de um profeta eremita e menos obscura que a minha criação, porém em ambos os casos a ignorância das pessoas é julgada de forma fervorosa e ambos alimentam um repúdio em relação aos hábitos da cidade, como sugerem os seguintes trechos do livro de Nietzsche:

“Vós sois impulsionados na direção do seu vizinho e tendes sempre palavras bonitas para lhes dizer. Mas eu vos digo: vosso amor ao próximo é o vosso mau amor por vós mesmos. Eu vos aconselho a amar o próximo? Em vez disso, posso aconselhar-vos a fugir do próximo e a amar o mais distante. Mais elevado que o amor ao próximo é o amor aos mais distantes e aos que estão por vir, ainda mais elevado que o amor aos homens é o amor às coisas e aos fantasmas.”

“Vejo e vi coisas piores, e coisas tão abomináveis que não gostaria de falar sobre nenhuma delas, embora sobre algumas eu não consiga silenciar, pois falo de homens que carecem de tudo, exceto de uma coisa, a qual possui muito. Homens que não são mais que um grande olho ou uma grande boca ou uma grande barriga, ou qualquer coisa grande. Chamo esses homens de aleijado às avessas, que tem pouquíssimo de tudo e bastante de uma coisa só.”

Figura 7 Trecho do Vídeo-Arte **Diário da Misanthropia**

“Aqui todo o sangue que corre através de todas as veias é putrefato, tépido e espumoso, cospe nesta grande cidade que é a grande lixeira onde toda a canalha espuma junta. Cospe na cidade das almas destroçadas e dos peitos esqueléticos, dos olhos vãos e dos dedos pegajosos. A cidade dos inoportunos, dos descarados, dos fanfarrões da palavra falada e escrita, dos ambiciosos ferventes. A cidade onde tudo é carcomido, desacreditado, indecente, sombrio, podre, ulceroso, conjurado e corrompido. Cospe nesta grande cidade e volta atrás. Ofereço a ti este preceito como uma despedida. Ó louco onde não se pode mais amar deve-se servir somente de passagem.”

Nesses fragmentos fica explícito a forma severa com que Zarathustra julga a sociedade em que está inserido e revela seus anseios de se isolar dela e de se libertar dessas questões menores. Em outro momento do livro de Nietzsche percebi uma identificação imediata com o segundo capítulo do meu vídeo, em que o meu personagem anda por uma feira e observa criticamente todos os que estão ao seu redor.



“Na praça do mercado ninguém acredita em homens superiores. E se quiserdes falar lá, muito bem, fazei-o. A plebe, entretanto, pisca e diz: somos todos iguais. Perante deus, mas agora esse Deus morreu. Não deixe que sejamos iguais perante a plebe. Vós, homens superiores, deixem a praça do mercado.”

Figura 8 Trecho do Vídeo-Arte **Diário da Misanthropia**

As motivações reflexivas dos personagens são muito parecidas e também muito próximas ao pensamento de Heráclito. Em todos os casos citados a sociedade é interpretada como algo decadente e sem propósitos nobres para a própria existência. Nesse tipo de conduta existe um ar de arrogância ao se julgar superior ou mais iluminado que a maioria das pessoas, contudo é fato que existem pessoas no mundo com mais capacidade e sensibilidade para refletir sobre o que é o mundo de fato.

A Misanthropia nos casos de Heráclito, Zarathustra e do meu protagonista provavelmente é causada por um excesso de conhecimento. O que ironicamente justifica a falta de paciência com a ignorância e que os leva ao isola-

mento. O fragmento abaixo do livro de Nietzsche demonstra bem essa sensação e, inclusive, faz da mesma forma que Heráclito ao criar metáforas animais para certos tipos de pessoas:

“Para os puros todas as coisas são puras. Assim fala o povo. Mas eu vos digo: para os porcos, tudo se torna porco. Por isso pregam os fanáticos e os hipócritas, com as cabeças curvadas e cujos corações também estão pendidos para baixo. O próprio mundo é um monstro imundo. Qual é a espécie mais elevada de todas e qual é a mais baixa? O parasita é a espécie mais baixa, mas aquele que pertence a mais alta alimenta a maioria dos parasitas. A alma que tem a maior escada é a que pode descer às maiores profundezas. Como os parasitas não haveriam de se colocar nela?”



Figura 9 Trecho do Vídeo-Arte **Diário da Misanthropia**

O meu personagem sem nome, portanto, pode ser interpretado como uma mistura entre Heráclito e Zaratustra.

FOTOGRAFIA E EDIÇÃO DAS IMAGENS

Para a fotografia e edição das imagens do Vídeo-Arte **Diário da Misanthropia**, me inspirei no princípio de contrastes e de oposições reflexivas que Heráclito aborda em seus fragmentos.

Dessa forma procurei explorar bastante o diálogo entre luz e sombra e, entre cores quentes e cores frias. Partindo da ideia de que as imagens do meu vídeo seriam fotografias em movimento e busquei locais que pudessem me ajudar a ter boas fotos e também que me possibilitassem a construção de texturas com as imagens.

Uma das referências que utilizei para coordenar a movimentação de câmera foi a do cineasta russo Tarkovsky. Eu tive o auxílio de Betina Alves para



Figura 10 Trecho do Vídeo-Arte **Diário da Misanthropia**

operar a câmera e pesquisamos juntos alguns filmes do autor russo. O cineasta desenvolveu a teoria de cinema chamada “Esculpir no Tempo”. Para ele a verdadeira função do cinema é a de transmitir poeticamente a nossa experiência com o tempo e alterá-lo. O uso dos planos longos e com poucos cortes nos filmes faz os espectadores terem diferentes sensações do passar do tempo. Isso é exatamente o conceito que eu busquei para meu projeto. Criar tensões com planos longos e causar reações diferentes com relação ao tempo real e ao tempo cênico.

Outro ponto característico de Tarkovsky que usei como referência é justamente a construção de texturas nas imagens. Tarkovsky trabalha bastante com os quatro elementos — terra, ar (na forma de vento), fogo e água. Elementos que somados ao controle de luz da câmera dão vida para a fotografia dos filmes e muitas vezes essas texturas acabam se tornando o foco principal da cena. Em muitos casos o ator ou a atriz apenas complementam a cena, que já está dramaticamente estabelecida com a simples presença dos elementos selecionados.

Em relação às cores e enquadramentos do meu Vídeo-Arte, eu percebi semelhanças na forma com que o pintor norueguês Edvard Munch aborda suas imagens. Para Munch a paisagem precisa transmitir uma mensagem de significação humana. Sua linguagem visual quer transformar a simples reprodução de cenas paisagísticas em paisagens da alma. É como se os elementos e cores que estão na paisagem pudessem transmitir sentimentos.

Eu tentei realizar a mesma indagação nos meus vídeos. Em muitas cenas coloquei o meu personagem como elemento central, porém o seu estado de espírito e humor estavam sendo representados pelo que estava ao seu redor. Algo que me aproxima da intenção do pintor norueguês, que via o cenário não apenas como coadjuvante da ação na imagem, mas sim como parte de um todo que revela as emoções das ações contidas na tela.

O plano de ação de Munch, no sentido de abandonar as cores localizadas e usar cores primárias, de maior poder expressivo, é claramente visível em várias de suas obras. Todavia, o que é mais significativo e é uma espécie de renúncia radical, é a recusa em representar um plano de fundo realista. Este contraste entre a extrema precisão da figura humana sendo retratada, e



Figura 11 Trecho do filme **Stalker**, de Andrei Tarkovsky.



Figura 12 Trecho do filme **Stalker**, de Andrei Tarkovsky.

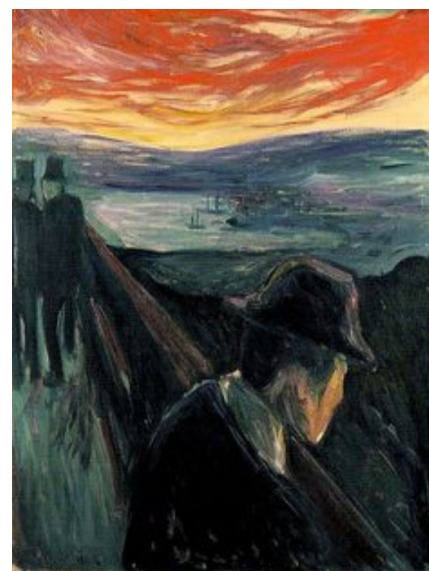


Figura 13 **Desespero**, por Edvard Munch. 1882.

a qualidade praticamente abstrata do cenário que a envolve, dá ao quadro uma proximidade intensa e abre o leque de interpretações.

Essa textura de plano de fundo abstrato eu consegui obter em várias cenas devido às características do céu de Brasília. Usei o céu brasileiro como plano de fundo em várias filmagens do meu trabalho. Isso me proporcionou colorações diversas e com os enquadramentos que fiz, a paisagem chega ser quase que abstrata com cores indefinidas. Dessa forma me assemelhei com as texturas criadas nas obras de Munch.

O pintor também aborda em seus quadros o contraste de solidão e multidão. Muitas de suas pinturas retratam cenários de ruas movimentadas com algum personagem mais isolado. Isso também está presente tanto no pensamento de Heráclito quanto nos meus vídeos.

Munch, assim como Heráclito, usava os contrastes e contradições como impulso criativo. Munch sugeriu em suas telas outros significados para cenários, objetos e paisagens; Ele foi capaz de construir uma atmosfera psicológica em seus quadros usando apenas a forma de distribuir as cores e alternando precisão nas pinceladas. Em alguns espaços da tela a pincelada é precisa e definida e, em outros espaços, as pinceladas parecem traços inacabados. Os procedimentos utilizados por Tarkovsky e Munch nas cores, a busca por texturas e a vontade de poetizar com as imagens, me ajudaram a materializar em vídeo o que Heráclito propõe enquanto procedimento filosófico: A busca pelo antagonismo coexistente em um mesmo espaço.

TRILHA SONORA

Para a trilha sonora do Vídeo-Arte **Diário da Misanthropia**, optei em compor tudo na escala do modo Lídio. Esse modo musical me chamou atenção, pois faz referência à região em que Heráclito supostamente viveu e é uma escala que apresenta muitas possibilidades para explorar tensões e resoluções harmônicas. A escala possui intervalos consoantes como a 3ª Maior, 6ª Maior e a



Figura 14 **Noite em Karl Johan**, por Edvard Munch. 1882.

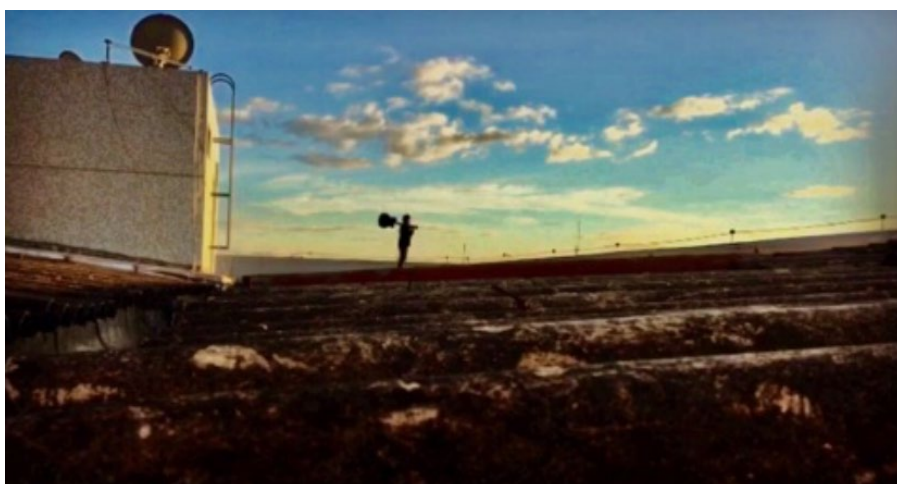


Figura 15 Trecho do Vídeo-Arte **Diário da Misanthropia**

5ª Justa, porém possui também as dissonâncias fortes de intervalos como a 4ª aumentada e a 7ª Maior. Dessa forma eu pude aplicar na música o mesmo princípio filosófico de Heráclito de oposições e contradições.

No início dos testes para o projeto eu já estava disposto a evoluir nas minhas pesquisas para criar arranjos de Baixo utilizando técnicas de cordas soltas, acordes e harmônicos. Em um dos primeiros testes que eu fiz descobri uma interessante forma de afinação alternativa para o instrumento. Na trilha sonora do vídeo estou afinando o baixo em “Ré Maior aberto”. Essa afinação altera duas cordas da afinação padrão que é EADG, na afinação que estou utilizando no projeto o instrumento fica afinado da seguinte forma: DADF#. A afinação em Ré Maior Aberto me permite uma ampliação de possibilidades para explorar o modo Lídio utilizando mais cordas soltas. Além de poder fazer mais acordes e utilizar mais os harmônicos simples do instrumento, podendo até fazer acordes de harmônicos.

As composições apresentadas partiram de improvisos e que posteriormente houve uma seleção de frases melódicas que se encaixavam melhor com as imagens filmadas. Por uma questão de recursos limitados a música precisou se adaptar à imagem. O processo contrário seria mais complexo de se realizar tendo em vista que para as gravações de áudio não tive tantos recursos em mãos.

Cada um dos três capítulos possui sua própria textura musical. No primeiro capítulo utilizo o Baixo elétrico e toco melodias com harmônicos e acordes. A primeira música tem um caráter de abertura e as tensões são rapidamente resolvidas. No segundo capítulo eu optei por tocar o Baixo com um arco de violino. Neste segundo fragmento eu explorei bastante as tensões e as notas longas para dar mais força e significado nas cenas do personagem andando em público. O som do Baixo sendo tocado com um arco cria um timbre muito interessante e sugere maior dramaticidade para as cenas.

No terceiro capítulo optei por abandonar o meu instrumento e decidi criar um coro de vozes como uma espécie de mantra. O último capítulo é uma reflexão redentora do personagem e a textura musical que um coro vocal produz me pareceu mais adequada para a sensação que eu quis produzir no espectador.

Além das composições, também utilizei como trilha sonora os sons ambientes das próprias locações e recorri ao banco de dados do aplicativo “Splice” para conseguir sons mais intensos de trânsito, sirenes entre outros. Desta forma, reproduzi os sons da cidade como música, algo também abordado nos fragmentos de Heráclito. A mistura dos ruídos urbanos com a música propriamente dita criou atmosferas que ambientam bem as cenas do vídeo e deixam abertas as interpretações.



Figura 16 Trechos do Vídeo-Arte
Diário da Misanthropia

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ter o pensamento filosófico de Heráclito como impulso inicial para uma criação me colocou numa empreitada artística intensa e me aproximou de vários outros gênios da arte. Os fragmentos de Heráclito ecoam e continuarão ecoando nas mentes de quem busca inspirações contraditórias para pensar e criar.

FICHA TÉCNICA DO VÍDEO-ARTE

Concepção, Direção e Finalização: Iano Fazio

Operação de Câmera: Betina Alves

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSTA, Alexandre (2000), **Heráclito: Fragmentos contextualizados** ed. DIFEL LAËRTIOS, Diôgenes; tradução: KURY, Mário da Gama, (1987) **Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres** ed. UnB

SOLOMOS, Makis (2013), **Da música ao Som, a emergência do som na música nos séculos XX e XXI, uma pequena introdução** ed. Universidade Vincennes Saint-Dennis

KAHN, Charles H. (2009) **A arte e o pensamento de Heráclito: uma edição dos fragmentos com tradução e comentário** ed. Cambridge University Press

GADAMER, Hans-Georg (1999) **Verdade e Método, traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica** ed. Vozes

MOTA, Marcus (2015) **Teatro Musicado, Roteiro Diagramático e Seminários Interdisciplinares: experiências em pesquisa, ensino e criação no laboratório de dramaturgia da Universidade de Brasília** ed. UnB

MOTA, Marcus (2016) **Texto, Escritura e Música: os fragmentos de Heráclito** ed. UnB

NIETZSCHE, Friedrich (1883) **Assim falou Zaratustra** ed. Martin Claret

BISCHOFF, Ulrich (1997) **Edvard Munch: imagens de vida e morte** ed. Benedikt Tashen Verlag GmbH

GUERRA, Tonino (1983) **Tarkovsky Voyage in Time**, consultado em 18 de abril de 2017

<http://iconostasis.com.br/a-linhagem-sagrada-de-andrei-tarkovsky/>

<http://www.comunidadeculturaearte.com/como-andrei-tarkovsky-influenciou-o-cinema-de-lars-von-trier/>

<http://cinetoscopio.com.br/2015/06/11/o-cinema-poetico-de-andrei-tarkovsky/>